

## APRESENTAÇÃO

Diversos temas da atualidade da língua e da literatura compõem esta edição da revista *Signo*. Os textos foram produzidos por professores da Unisc e, em sua maioria, de outras instituições. O Conselho Editorial os acolheu, por sua pertinência e contribuição que podem trazer aos leitores e estudiosos da área das Letras. A revista, assim, apresenta-se como espaço para publicar investigações e reflexões, firmando seu conceito na comunidade acadêmica.

John Robert Schmitz aborda, no artigo "Linguística Aplicada: novas dimensões e identidades no século XXI", um tema novo e instigante para o estudo das línguas, situando a LA no Brasil e no mundo e fazendo considerações sobre tendências e identidades pós-modernas. Destaca os elementos internos da LA e seu caráter de multidisciplinaridade nas diversas áreas do conhecimento. Retoma conceitos da Linguística Aplicada, explicita os diferentes enfoques e ferramentas que a legitimam, sem deixar de alertar para o problema da hegemonia da Língua Inglesa, apresentando, didaticamente, um panorama desse campo de estudo.

Flávia Brocchetto Ramos expõe, em "Histórias da infância de descendentes de alemães", uma parte da pesquisa sobre leituras de infância na região do Vale do Rio Pardo, RS. Enfoca elementos da cultura relacionados à colonização alemã, na segunda metade do século XIX, com o propósito de "reconstruir o horizonte de expectativas dos leitores infantis, definir os possíveis mediadores da literatura e analisar o papel destes na vida cultural da região". Assim, a autora reúne evidências empíricas significativas para a hipótese da relevância que têm as histórias escritas ou contadas para a vida dos homens e da cultura.

Na tentativa de enfatizar a escassa visibilidade da literatura confessional feminina, no ensaio "O arquivo das ausências: aspectos e funções da escritura autobiográfica feminina", Alba Olmi focaliza esse gênero literário. Ressalta que a teoria e a crítica tradicionais quase sempre tiveram por objeto autobiografias masculinas. Em função disso, a literatura assinada por mulheres foi longamente ignorada ou lida sem a devida profundidade, isto é, sem considerar os objetivos diferenciados que alimentam a confissão feminina e masculina, embora, muitas vezes, a história tenha revelado paradigmas semelhantes.

O texto de Carlos Rizzon, "Cruzando tempos de Artemio Cruz", que analisa o romance *La muerte de Artemio Cruz*, de Carlos Fuentes, procura resgatar o tempo da memória, que atravessa a história do México e caracteriza uma concepção temporal diferente, rompendo com a ideia de uma suposta linearidade e tomando por base as horas que antecedem a morte do protagonista.

Artemio Cruz refaz com a memória o percurso de uma vida intensamente entrecida com a história mexicana, deixando a mente povoar-se de dúvidas, obsessões e lembranças. Rizzon enfatiza a presença das diversas vozes narrativas do romance, um recurso que Carlos Fuentes utiliza como forma de atravessar passado, presente e futuro, questionando os destinos da política mexicana após a Revolução de 1910-1917.

Ainda no âmbito da produção de Carlos Fuentes, Signo traz a público as reflexões de José Luís Giovanoni Fornos a partir da obra *Zona sagrada*, desse autor. Fornos estuda as relações entre o profano e o sagrado, associando a noção de mito à dinâmica da indústria cultural. Ao mesmo tempo em que o romance de Fuentes retoma aspectos míticos, que remetem a uma cosmologia primitiva do homem, articula-os com a sociedade de consumo atual, mostrando os caminhos que vão do presente ao passado, e vice-versa, levando a refletir sobre os espaços entrecruzados do sagrado e do profano.

Com o artigo "A legendificação do "fait-divers": o caso de Marie-Josephte Corriveau", Sylvie Dion analisa a repercussão de uma lenda canadense do século XVIII, que tem por base fatos miúdos do dia-a-dia. Ao longo do tempo, no entanto, o imaginário popular veio transformando a autora de um suposto uxoricídio, punido de forma cruel e exemplar, numa *serial killer*, envenenadora e bruxa, provavelmente devido ao tipo de punição imposto a Marie-Josephte Corriveau pela Corte Marcial da Inglaterra, país que, na época, dominava o Canadá.

Reconhecida como pioneira na publicação de poemas no Rio Grande do Sul, Delfina Benigna da Cunha é objeto de estudo no ensaio que João Claudio Arend publica nesta edição. O autor dá ênfase especial à recepção que a poetisa recebeu da crítica, destacando o que escreveu Joaquim Norberto de Souza e Silva, ainda em 1860, trabalho que é praticamente ignorado pelos estudiosos contemporâneos da literatura sul-rio-grandense. A cegueira física não impediu Benigna de improvisar versos, os quais merecem o olhar renovado que João Claudio propõe.

Finalmente, estamos trazendo a resenha de Maurício Silva sobre *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*, de Ítalo Moriconi. A obra destaca a maturidade que a produção poética brasileira atinge no século XX, após longo período de produção irregular e heterogênea. Moriconi pontua vários momentos e movimentos que contribuíram para essa consolidação, entre os quais a Música Popular Brasileira, a poesia concreta, a poesia marginal, até alcançar a poesia pós-moderna das décadas de 80 e 90. Como Maurício Silva deixa entrever, é uma obra que pode trazer boa contribuição aos professores e estudiosos da literatura brasileira.

Boa leitura a todos!